



ORIENTE MÉDIO

EUA criticam Israel por pedido de armas

Por meio de vídeo e de mensagem em rede social, Benjamin Netanyahu cobra assistência de Washington e condena retenção de munições. Casa Branca reage e afirma que declarações do primeiro-ministro são "profundamente decepcionantes e irritantes"

» RODRIGO CRAVEIRO

Eyad Baba/AFP



Palestino e filhos caminham entre prédios arrasados por bombardeios, em Khan Yunis, no sul de Gaza: destruição generalizada

A relação entre Estados Unidos e Israel, dois aliados históricos, sofreu novo desgaste com um vídeo e uma declaração de Benjamin Netanyahu, imediatamente refutados pela Casa Branca. "Estou disposto a sofrer ataques pessoais desde que Israel receba dos Estados Unidos os equipamentos de que precisa na guerra pela própria existência", escreveu, ontem, o primeiro-ministro israelense na rede social X, o antigo Twitter. Em vídeo divulgado na quarta-feira, Netanyahu fez um pronunciamento em inglês, no qual relatou ter dito ao secretário de Estado americano, Antony Blinken, que julgava "inconcebível" o fato de Washington reter armas e munições para Israel.

"A verdade é que não sabemos do que ele está falando", reagiu a porta-voz da Casa Branca, Karine Jean-Pierre. Conselheiro de Segurança Nacional do presidente Joe Biden, John Kirby avaliou os comentários de Netanyahu como "profundamente decepcionantes e certamente irritantes" e lembrou a quantidade de apoio oferecida ao Estado judeu. "Meu Deus, este presidente colocou aviões de combate no ar, em meados de abril, para ajudar a derrubar várias centenas de drones e mísseis, (...) disparados do Irã para Israel. Não existe outro país que tenha feito mais, ou continuará a fazer, do que os EUA para ajudar Israel a se defender", declarou Kirby. "A ideia segundo a qual de alguma forma tínhamos parado de auxiliar Israel com suas necessidades de autodefesa é absolutamente imprecisa."

O governo Biden sustenta que estaria apenas revisando um carregamento de bombas de 2 mil libras (907kg), com medo de que Israel as utilize em áreas densamente povoadas da Faixa de Gaza. Nos últimos meses, a Casa Branca tem feito reiteradas críticas ao grande número de baixas civis no enclave palestino. Em 259 dias de guerra, o Ministério da Saúde de Gaza — controlado pelo Hamas — divulgou que 37.431 palestinos morreram, dos quase 75% seriam mulheres e crianças. Mais de 10 mil pessoas ainda estariam sob os escombros. As informações não podem ser verificadas de forma independente.

Vice-reitor da Universidade de Tel Aviv e especialista em temas do Oriente Médio, Eyal Zisser lembrou ao **Correio** que

Netanyahu joga com a política. "Tudo aqui se trata de política interna. Não é algo real, e os Estados Unidos dão a Israel o que ele necessita", comentou. "O primeiro-ministro quer usar o tema como uma questão doméstica, a fim de se apresentar como um herói que defende Israel, mesmo frente aos norte-americanos. É um político cínico", criticou. Questionado se acredita que Netanyahu terá sucesso nessa estratégia, Zisser disse ser difícil de prever. "Assim como no Brasil, líderes populistas têm apoio básico, não importa o quão ruim eles sejam."

O estudioso não descartou que Biden ceda aos apelos de Netanyahu e envie novos carregamentos de armas. "Estamos a menos de cinco meses das eleições. Biden não precisa criar problemas com apoiadores de Israel nos EUA", disse Zisser. "Mesmo criticado pela esquerda, ele deu munições ao lobby judeu. O establishment militar norte-americano

também defende que ele envie armamentos para Israel."

As cobranças de Netanyahu por um papel mais incisivo no fornecimento de armas coincidem com uma afirmação polêmica de Daniel Hagari, porta-voz das Forças de Defesa de Israel (IDF), e com a escalada de tensão com o movimento fundamentalista xiita libanês Hezbollah. Segundo Hagari, o grupo extremista palestino Hamas é "uma ideia". "O Hamas é um partido político, está enraizado nos corações do povo. Qualquer pessoa que pensar que podemos eliminar o Hamas está errada", ressaltou. Ele disse que as autoridades israelenses podem desenvolver algo que seja capaz de substituir o grupo. Em 14 de dezembro do ano passado, Basem Naim, chefe do Departamento Político do Hamas, concedeu uma entrevista ao **Correio** e adotou o mesmo raciocínio de Hagari. "O Hamas não foi construído para ser

destruído. É uma ideia, uma ideologia. Está profundamente enraizado na sociedade palestina", advertiu Naim.

Hezbollah

O Exército de Israel respondeu, mais uma vez, a fogo de artilharia procedente do Líbano e "eliminou" um comandante do Hezbollah em um "bombardeio direcionado". As IDF também confirmaram o bombardeio contra uma base de "lançamentos de mísseis terra-ar" do movimento libanês financiado pelo Irã. Na quarta-feira, o líder máximo do Hezbollah, xeque Hassan Nasrallah, fez um raro pronunciamento à nação libanesa, no qual advertiu que "nenhum lugar de Israel estará a salvo" dos foguetes. "O inimigo sabe muito bem que nos preparamos para o pior. (...) Israel sabe que temos uma lista de alvos e temos a habilidade de atingi-los."

Calor matou 1.081 fiéis em Meca

Mais de mil muçulmanos morreram durante o hajj, a peregrinação anual a Meca, na Arábia Saudita. Entre os 1.081 mortos, estão 658 egípcios — 630 estavam em situação irregular no reino, que distribuiu vistos de peregrinação por meio de um sistema de cotas. Vídeos divulgados nas redes sociais mostram corpos cobertos com lenços nas ruas. A temperatura atingiu 51,8 graus Celsius na Grande Mesquita de Meca.

A indonésia Dajeng Wanna Pute, 25 anos, contou ao **Correio** que começou o hajj em 28 de maio. "Para me proteger do extremo calor, tenho usado sombrinha, uma toalha pequena, óculos de sol e spray de água, além de protetor solar", afirmou. "Vi muitas pessoas se queixarem de dor de cabeça."

Morador de Medina, a 450km dali, Muhammad Zubair, 30, disse à reportagem que os termômetros marcaram 47 graus. "As pessoas que morreram no hajj entraram no país sem permissão para a peregrinação. Na condição de turistas, não tinham supervisão de nenhuma organização para lhes fornecer alimentos, alojamento e transporte", explicou. (RC)

Fadel Senna/AFP



Peregrino passa mal, depois de ritual: 51,8 graus na Grande Mesquita

GIRO PELA ÁSIA

Putin não descarta ajuda militar a Pyongyang

Em um esforço político e diplomático para responder ao isolamento de Moscou por parte do Ocidente, como retaliação à invasão à Ucrânia, o presidente russo, Vladimir Putin, foi recebido pelo colega vietnamita To Lam, em Hanói, e prometeu fortalecer as relações com o Vietnã. Durante a segunda escala de sua viagem pela Ásia, depois da passagem pela Coreia do Norte, o chefe do Kremlin defendeu um rearranjo de segurança na região.

"Manifestamos interesse mútuo na criação de uma arquitetura de segurança fiável e adequada na Ásia-Pacífico, que se baseie nos princípios do não recurso à força, na resolução pacífica de litígios e onde não haja espaço para blocos políticos-militares fechados", declarou Putin.

O presidente russo e o anfitrião assinaram uma dezena de acordos, principalmente nas áreas de energia, educação e nuclear civil. Por sua vez, To Lam reforçou a vontade de "impulsionar a cooperação em defesa e segurança" com a Rússia. Depois da primeira visita à Coreia do Norte em 24 anos, Putin disse não descartar o envio de armamentos para o país

governado por Kim Jong-un. O Departamento de Estado norte-americano condenou a declaração e classificou-a como "incrivelmente preocupante". Ao mesmo tempo, a Coreia do Sul prometeu abster-se a Ucrânia com armas, o que Putin alertou que seria "um grande erro".

Segundo a agência de notícias France-Presse (AFP), Putin teve recepção de chefe de Estado no palácio presidencial de Hanói, inclusive com salvas de canhão e militares em posição de saudação. Se em Pyongyang as avenidas foram ornadas com grandes fotos do líder do Kremlin, na capital vietnamita, bandeirinhas russas enfeitaram as ruas do centro histórico. Além de se reunir com To Lam, Putin se encontrou com o primeiro-ministro do Vietnã, Pham Minh Chinh, e com o secretário-geral do partido comunista, Nguyen Phu Trong. Putin também depositou uma coroa de flores no mausoléu de Ho Chi Minh, o pai da independência do Vietnã e responsável por estabelecer laços com a Rússia desde a década de 1920.

Stephen Haggard, diretor emérito do Programa Coreia-Pacífico da Universidade

Gavriil Grigorov/AFP



Os presidentes da Rússia, Putin (E), e do Vietnã, To Lam (D), fazem um brinde, em Hanói

da Califórnia San Diego (UCSD), extrai uma lição da visita de Putin a Pyongyang, na quarta-feira. "Qualquer esforço para desnuclearizar a Coreia do Norte está, essencialmente, encerrado", afirmou. "Isso vinha ocorrendo há algum tempo, mas existia a pretensão, na China e na Rússia, de que a Coreia do Norte deveria se desnuclearizar. Agora, é provável que ocorra o oposto: a Rússia reforçará as capacidades militares de Pyongyang."

De acordo com Haggard, a Coreia do Norte fornecerá peças de artilharia e,

talvez, até alguns mísseis de curto e intermédio alcance. No entanto, ele reconhece que o que a Rússia promete partilhar com Pyongyang ainda parece muito opaco. "Poderia incluir coisas, como tecnologia de satélite e capacidades de rastreamento, mas também mísseis e tecnologia nuclear. O que a Coreia do Norte mais deseja é tecnologia relacionada com veículos de reentrada para mísseis de longo alcance; isso significaria definitivamente que eles poderiam atingir o continente dos EUA." (RC)

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O problema básico, para os EUA, está no fato de que é mais difícil, ainda que não impossível, dissuadir um Estado com armas nucleares. Washington pode contar com outras opções de retaliação. Ainda creio que a Península Coreana seja basicamente estável. No entanto, erros de cálculo são sempre um risco: a Coreia do Norte pode cometer alguma manobra por engano, e a Coreia do Sul e os EUA — e mesmo o Japão — podem acreditar que uma resposta é necessária."

Stephen Haggard, diretor emérito do Programa Coreia-Pacífico da Universidade da Califórnia San Diego (UCSD)

(RC)